

Acordes da memória

Roberto Gotoeditor-gerente de *Filosofia e Educação*

Na crônica do Departamento de Filosofia e História da Educação (DEFHE) da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, o ano de 2014 deverá assinalar-se como aquele em que o tempo sulcou duas lacunas, lançando através delas, para as bandas de sua ausência, as figuras de Rubem Alves e José Luiz Sigríst.

Como sempre, resta à memória dos que seguem e persistem vivos dar testemunho a - e em - respeito dos que cessaram de viver. Memória predominantemente afetiva, menos do que tentar preencher o vazio, ela o toma como paradoxal apoio para garimpar o deserto, em busca do oásis que propicia o refrigério traduzido no gesto único de refrescar a memória e consolar-se da perda, o que faz registrando o que de significativo, relevante, emotivo e proveitoso aconteceu na convivência com a pessoa recordada - repostada, assim, no coração.

Sem a preocupação de efetuar um balanço ou um julgamento do (con)vivido, essa memória, então, se debruça e se alarga sobre as afinidades, as simpatias, as alegrias, bem como sobre os contrastes e os imprevistos havidos no relacionamento com o que já não ocupa lugar no espaço e no tempo dos vivos, permitindo-se fruir a passagem por esse intervalo entre ser e não ser em que se é atirado pelo sentimento de falta.

Esses parecem ser os traços mais generosamente expressivos (vívidos, portanto) da pequena memorialística que a presente edição desta revista acadêmica dá a público - pequena mas certamente desde já memorável, por conta justamente das características assinaladas. Compõe-se de textos assinados por três professores titulares aposentados do DEFHE que acederam ao convite de escrever sobre seus colegas falecidos. Esses escritos, que combinam elementos da crônica e do ensaio, vão publicados na seção *in memoriam*, que acaba de ser criada para constituir-se e oferecer-se como repositório de manifestações dessa memória afeita à

exploração e à construção de perfis de professores, pesquisadores, intelectuais que militaram e deixaram suas marcas no território compartilhado pelos campos da Filosofia e da Educação e cujas trajetórias cruzaram-se com as dos que permanecem para lembrá-las e consigná-las.

Esse cruzamento de itinerários existenciais e intelectuais, em que acasos e impulsos fortuitos cumprem papel tão ou mais importante que inclinações pessoais e interesses profissionais na geração dos encontros e na preservação das relações, constitui traço unificador dos depoimentos dos professores Antonio Muniz de Rezende, Newton Aquiles von Zuben e José Luís Sanfelice, cujas bi(bli)ografias tornam as apresentações dispensáveis.

Em *Rubem Alves, Amigo, Companheiro, Irmão*, o hoje psicanalista Antonio Muniz de Rezende ressalta as afinidades naturais e eletivas que ambos cultivaram, entre elas a mineiridade, o exercício da psicanálise e a passagem pelo DEFHE - cultivo que, de sua parte, parece ter se desenvolvido num crescendo, na direção do estreitamento de laços referido no título, abraçando um espectro de relações que vai da amizade à fraternidade (ou irmandade), passando pelo companheirismo.

O mote da esperança, que no texto de Rezende é lembrado e lapidado sob o prisma multifacetado da geografia da terra natal, da canção popular, da Filosofia e da Teologia, é adotado como *Leitmotiv* por Newton Aquiles von Zuben em *Rubem Alves, Teólogo da Esperança*. Nesse caso, a promessa que o título anuncia cumpre-se pela recordação de diálogos que se sobrepõem e se entrelaçam, a conversação entre os professores animando-se imbricando-se com comparações entre o Martin Buber de *Eu e Tu* e o teólogo Gabriel Vahanian, autor de *La mort de Dieu*.

Lendo-se a seguir *Professor José Luiz Sigríst, o Mestre da Palavra*, a impressão que se colhe é a do contraste: do intelectual que projetou de si a imagem de escritor prolífico, com profusas publicações, passa-se ao perfil de um educador que pouco se preocupou em dar a público o que escreveu, dedicando-se a pôr a serviço do ensino e do diálogo, inclusive o mais difícil - aquele travado com adversários -, a vocação oratória e a habilidade

argumentativa que faziam as aulas fluírem e convinhas ao esforço de compreensão das posições e das pessoas com as quais convivia.

Mas o outro contraste, que José Luís Sanfelice deixa explícito em sua reminiscência, perfilando o sisudo Prof. Sigrist de terno preto, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas (UCC), com o mesmo Prof. Sigrist a bailar desenvoltamente com as alunas do curso de Filosofia numa república estudantil, e depois com o Prof. Sigrist membro do DEFHE aliando-se e rivalizando com o colega Augusto Novaski na entoação de árias operísticas e cantos gregorianos – esse contraste testemunha, por sua vez, uma semelhança não desprezível em face de Rubem Alves, cuja inclinação para o culto e a valorização do lúdico, do dançante e do musical constitui elemento de estimação em sua obra, como ele próprio deixou patente em seus inúmeros escritos.

Será, de resto, sob os signos – ou desígnios – da similitude e da continuidade que o leitor perseverante certamente envidará o trânsito por este número de *Filosofia e Educação* ao perceber que há mais elementos a aproximarem do que a distanciarem os demais textos, publicados na seção *artigos*, tanto entre si como com os precedentes. Cabe notar, a propósito, que um plano consciente e deliberado não teria feito mais pela instituição de afinidades do que fez o acaso ao reunir nesta edição as contribuições espontaneamente submetidas pelos autores e aprovadas por pareceristas deste periódico.

Confira o leitor, então: o tema do “Ser ou Ter”, pela qual o Prof. Sigrist descortina ao então candidato a aluno de Filosofia José Luís Sanfelice, na segunda metade da década de 1960, o panorama do questionamento filosófico, ressoa no artigo de Priscila de Souza Chisté Leite, *Contribuições dos estudos marxianos para a Estética*: reflexões sobre a sociedade contemporânea; motivos da perspectivista obra de Nietzsche, uma das principais referências de Rubem Alves, desdobram-se em variações nos artigos de Danilo José Scalla Botelho (“*Espírito livre*” em Nietzsche: outro logos (per)formativo?) e Maria Remedios Brito (*Notas sobre a crítica como elemento criador de valores*).

Já as categorias de libertação e liberdade, de clara ou tácita presença nos três memoriais, ressurgem à luz dos pensamentos de Jean-Paul Sartre e Paulo Freire nos textos de Thiago Reginaldo e Maria Elivete da Silva Pereira (*O existencialismo em Sartre: subjetividade e sociedade do conhecimento*), Maria José Moreira (*Análise da prática pedagógica na perspectiva da autonomia em Sartre e Freire*) e Alder Sousa Dias (*Ética da libertação e educação: por novos horizontes à educação de jovens e adultos*), num e noutro caso reavivando ou sugerindo conexões com a Fenomenologia husserliana, outra presença forte na formação e/ou na pesquisa de integrantes do DEFHE.

É certo que o canto das proximidades e continuidades não silencia nem encobre o das distâncias e descontinuidades, na medida em que a interpretação e a apropriação de ideias pressupõem e implicam a liberdade de escolha dos sentidos e dos usos a elas atribuídos, como pode lembrar a resenha de Júlio Penna Fedre sobre o livro de Gert Biesta, *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Em suma, para finalizar com a imagem oferecida pelo professor Sanfelice: duetos são também, ao mesmo tempo, duelos; diálogos frequentemente envolvem dissensões ou nelas redundam. O próprio discurso, acrescentando-se, é composto tanto por acordes consonantes quanto por dissonantes.

Inevitavelmente, resta ao leitor a prerrogativa de, com aquela mesma liberdade, escolher como melhor combinar as consonâncias e dissonâncias desta que, parodiando o título da peça de Johann Sebastian Bach, pode ser tomada - e fruída - como uma oferenda memorial.